Inocência

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

Thomas Paine (1737/1809), escreve num dos seus mais conhecidos panfletos Senso Comum (1776), o seguinte: **«O governo, como a roupa, é o emblema da inocência perdida; os palácios dos reis erguem-se sobre as ruínas das choupanas do paraíso»**. (Senso Comum e Outros Panfletos, 2022: 7). Em 7 de setembro de 1944, Albert Einstein lembra epistolograficamente a Max Born, quando em 1919, se deslocaram os dois ao Reichstag convencidos de que conseguiriam tornar "aquelas pessoas que lá estavam democratas honestos». Para concluir: «Como éramos ingénuos, apesar de já termos quarenta anos. Quando penso nisso, dá-me vontade rir». Ora, a inocência, meus caros, é impassibilidade, já o escreveu Gustave Flaubert (1821/1880) no seu Dicionário das Ideias Feitas. É desta impassibilidade que se alimentam as autocracias, dos distraídos (como referiu Vergílio Ferreira), dos despreocupados, dos passivos. E, a inocência está em crer, que se as coisas correrem mal é possível olhar pelo retrovisor da história e regressar ao antes. A inocência é "o sonho de um homem ridículo: recomeçar o Conhecimento", escreveu Emile Cioran (1911/1995). Mas, tudo pode correr mal. Ora, a cavalgada da extrema-direita, que investe nessa inocência, na ignorância e na falência do conhecimento, parece começar a perder ritmo: Na Hungria, apearam Orbán; na Servia, Aleksandar Vucic perde inapelavelmente; e recentemente nos EUA, Trump, sofre uma pesada derrota. Os Democratas, rejuvenesceram os seus quadros, acreditaram, e foram em frente, arriscarei mesmo, foram de frente. **James Talarico**, tornou-se o primeiro democrata a conquistar uma vaga no Senado pelo estado do Texas, desde 1988; **Keisha Lance Bottoms** é a primeira mulher negra eleita Governadora de um estado – foi eleita na Geórgia -, na história dos Estados Unidos; **Gina Hinojosa** tornou-se a primeira governadora latina do Texas; **Adam Hamilton**, foi eleito senador no Kansas, desde 1932 que os Democratas não o conseguiam; **Abdul El-Sayed**, eleito no Michigan, tornou-se a primeira pessoa muçulmana eleita para o Senado dos Estados Unidos; **Chris Pappas** que derrotou o republicano John Sununu em New Hampshire, foi o primeiro homem assumidamente gay a ser eleito para o Senado. Estes "factos inéditos" na política americana, demonstram que o eleitorado voltou ao "bom senso" de que falava Thomas Paine e optou por criar uma ruptura com o obscurantismo em construção. Também o dinheiro descarregado em quantidades astronómicas, não conseguiu comprar os resultados pretendidos pela oligarquia campante. Bons sinais, para que a liberdade recomece a respirar sem espartilhos. Mas, **resistir ainda é a palavra de ordem para os dias que correm**. E, vale a pena lembrar, que só assim seremos livres, ou como escreve ainda o mesmo Emile Cioran, no Breviário de Decomposição (2022: 40), «uma alma só se engrandece e só perece através da quantidade de insuportável que assume».

O jardineiro do Rei Sol



Por: Vanda Batista

«Ó lavradores, demasiado afortunados, se conhecessem os seus bens!» Virgílio, Geórgicas, citado por La Quintinie na dedicatória ao rei

Em agosto de 1661, um homem cometeu o pior erro que se pode cometer numa corte: deu uma festa melhor do que a do rei.

Chamava-se Nicolas Fouquet e era superintendente das finanças de Luís XIV. Convidou o jovem monarca para o seu palácio de Vaux-le-Vicomte e ofereceu-lhe tudo o que a França tinha de mais refinado: banquete, fogo de artifício, uma comédia de Molière estreada nos jardins. Ao longo das ruas desenhadas por Le Nôtre alinhavam-se laranjeiras em caixas, o luxo supremo da época.

O rei sorriu, agradeceu e foi-se embora. Três semanas depois, no dia em que fazia 23 anos, mandou o verdadeiro d'Artagnan prender Fouquet. O superintendente morreria na prisão quase vinte anos mais tarde.

Depois, o rei levou o arquiteto, o pintor, o jardineiro paisagista, as estátuas, as tapeçarias e as laranjeiras. E levou, quase sem ninguém reparar, um antigo advogado que tinha trocado os tribunais pela terra e que cuidava da horta e dos pomares de Vaux. Chamava-se Jean-Baptiste de La Quintinie. É dele esta crónica.

Mas antes é preciso conhecer o palácio para onde o levaram.

Versalhes tornou-se uma máquina perfeita de girar à volta de um só homem. De manhã, os nobres disputavam a honra de entregar a camisa ao rei quando ele acordava. À noite, assistiam de pé enquanto ele jantava em público, e era um privilégio ver o Sol comer. O valor de cada um media-se em metros: quanto mais perto do rei, mais importante. Numa corte assim, a proximidade valia mais do que o mérito. Os cortesãos de Versalhes sabiam uma coisa: convém ficar sempre do lado onde bate a luz. Há uma arte nisto. Rir da piada do rei antes de ela acabar. Concordar antes de perceber com quê. Elogiar o vinho de quem estiver a servir. E, sobretudo, nunca, mas nunca, ofuscar o Sol.

Mas há uma pergunta que os cortesãos nunca faziam: quem punha a comida no prato do Sol?

Era La Quintinie. Em 1670, o rei criou para ele um cargo que não existia: diretor de todos os jardins de fruta e de legumes das casas reais. Em 1678 deu-lhe um terreno para uma horta nova. O sítio escolhido era um pântano a que chamavam, sem cerimónia, o «charco fedorento». La Quintinie drenou-o, trouxe terra boa das colinas vizinhas e, em cinco anos, transformou nove hectares de lama na Horta do Rei.

O que ali fez parece magia, mas era agronomia. Dividiu a horta em pequenos jardins fechados por muros, que guardavam o calor do sol e criavam microclimas. Com campânulas de vidro, estrume quente e muita paciência, conseguiu o que ele próprio descreveu com uma modéstia muito pouco cortesã: «ouso dizer que tive a felicidade de imitar [o calor do Sol] em pequeno», fazendo amadurecer alguns frutos «cinco e seis semanas antes do tempo»: morangos no fim de março, ervilhas em abril, figos em junho, espargos e alfaces em dezembro. Imitar o Sol. Em Versalhes, onde ninguém podia ofuscá-lo, houve um homem que o imitou. Em pequeno, é certo, e só para fazer amadurecer morangos. Como Luís XIV adorava figos, construiu-lhe um figueiral abrigado, com centenas de figueiras em caixas. Trinta jardineiros cuidavam de milhares de árvores de fruto, e o próprio rei ia lá aprender a podar. Não consta que La Quintinie disputasse camisas nem lugares à mesa. Não precisava. Levantava-se cedo, sujava as mãos, experimentava, falhava e voltava a tentar. Não tirou o lugar a ninguém: fez nascer fruta onde antes havia lama.

O Sol brilhava à mesa. Mas quem fazia nascer o que lá estava era o jardineiro, com as mãos na terra.

La Quintinie morreu a 11 de novembro de 1688, faz esta semana 338 anos. Conta-se que o rei disse à viúva que tinham sofrido uma perda que nunca poderiam reparar. Talvez tivesse razão. O saber de La Quintinie foi publicado pelo filho dois anos depois, num tratado sobre hortas e pomares que incluía, claro, um tratado das laranjeiras, onde confessa que ninguém pode estar mais encantado com elas do que ele. Foi reeditado e traduzido durante quase um século e ensinou a Europa a podar uma pereira.

A Horta do Rei ainda existe. Continua a produzir fruta e legumes, e hoje está a cargo de uma escola de paisagismo, onde os alunos aprendem com as mesmas pedras e os mesmos muros. Do rei restam os retratos e os salões vazios. Do jardineiro resta uma horta viva.

Quem a visita numa manhã de novembro encontra os mesmos muros de pedra a guardar o pouco sol do outono. As pereiras continuam encostadas a eles, abertas em leque, podadas como La Quintinie ensinou. Não há cortesãos, nem camisas para entregar, nem ninguém a disputar o lugar mais perto do rei. Há jardineiros de botas sujas de terra e, à porta, uma banca com a fruta e os legumes da época, ao alcance de quem passa. O que foi cultivado para a mesa de um só homem é hoje de qualquer um. Os reis passam. As hortas ficam.

Despeço-me com amizade e gratidão.

SÁTÃO INAUGUROU OBRAS DE CINCO MILHÕES EM DIA HISTÓRICO PARA O CONCELHO



"Um marco histórico para o concelho". É assim que o presidente do Município de Sátão, Alexandre Vaz, classifica o dia 29 de outubro, marcado pela inauguração de obras que ascenderam a 5 milhões de euros, montante cofinanciado pela União Europeia, no âmbito do PRR – Plano de Recuperação e Resiliência. A data ficou assinalada com a requalificação da Escola Secundária Frei Rosa Viterbo, do Bairro Comercial Digital B(U)Y Sátão e da requalificação da Praça Paulo VI.

A maior fatia do investimento (3,5 milhões de euros) contemplou a requalificação da Secundária Frei Rosa Viterbo, uma intervenção que inclui um Centro Tecnológico de logística, no valor de 1,2 milhão de euros. Alexandre Vaz destaca também o "impacto positivo" que o Bairro Comercial Digital B(U)Y terá na modernização da economia local.

Para além do primeiro-ministro, Luís Montenegro, estiveram presentes nesta cerimónia deputados à Assembleia da República, autarcas da região, entidades civis, militares, religiosas e comunicação social.

Depois das inaugurações, seguiu-se a atuação do grupo musical Zaatam bem como os discursos da sessão solene, na qual foi destacada a importância destas obras que representam, para Alexandre Vaz, "um marco histórico para o concelho e evidenciam o esforço da autarquia na modernização das infraestruturas locais", reconheceu o autarca, que relevou também a "Arte de Bem Receber" da população do concelho, Município, presente em grande número nas cerimónias.

FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD ACOLHEU DELEGAÇÃO DE LAMEGO



A Presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza, recebeu em Lisboa uma delegação do Município de Lamego, liderada por Francisco Lopes (Presidente da Câmara) e Fernando Lobão (Presidente da Assembleia). O encontro teve como principal objetivo aprofundar o conhecimento mútuo sobre a descentralização do acesso a cuidados de saúde especializados e a promoção da literacia científica na região do Douro.

Como a Fundação Champalimaud é uma referência internacional nas áreas da oncologia e das neurociências, a aproximação a municípios do Interior, como Lamego, visa encurtar distâncias geográficas para os doentes da região.

"O trabalho de investigação aqui desenvolvido mostra claramente que projetos ambiciosos, úteis e frutuosos podem ser desenvolvidos em Portugal e levados ao conhecimento das autarquias e do país", referiu Francisco Lopes.

No final desta visita institucional, foi oferecido a Leonor Beleza o livro "O Tempo da Catedral – Arte, Liturgia e Memória em Lamego", um marco das comemorações dos 250 anos da última Dedicação da Sé de Lamego (ocorrida em 1776).

INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES TEM NOVO GABINETE TÉCNICO

O Município de Lamego tem em funcionamento o Projeto FAMI – Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração, cofinanciado pela União Europeia e integrado no Portugal 2030, uma iniciativa que promove a integração e inclusão de cidadãos nacionais de países terceiros.

Através deste projeto, a autarquia disponibiliza um gabinete de atendimento técnico com serviços de apoio, informação, orientação e acompanhamento, que facilita o acesso aos serviços, direitos e oportunidades existentes no concelho de Lamego. "Integrar é construir uma comunidade onde todos têm lugar. Queremos promover uma comunidade mais inclusiva, participativa e intercultural, valorizando a diversidade e fortalecendo os laços entre todos", sublinha a vereadora Catarina Ribeiro